



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario V. 19, N° 1 (2025)

ISSN 1688-6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y
Ciencias de la Educación, Universidad de la República.

www.fhuce.edu.uy

DOI: <https://doi.org/10.47965/fermen.19.1>

Prólogo Revista Fermentário (2025)

Estimados leitores,

Que ousadia seguir acreditando que as palavras podem alcançar o valor de uma experiência. Escrever sobre uma revista que contribuiu bravamente por *18 anos* com um campo de conhecimento fundamental para os dias atuais – *Filosofia da Educação*. Quão desafiador é dizer algo sobre um suposto ‘fim’, afinal, o que há para ser dito? Depois de tudo, o dito gagueja e o escrito (per)forma. Encerramento de ciclo? Este prólogo não é sobre isso. É sobre uma tentativa de traduzir através da seleção de alguns artigos o que este projeto representou durante todos estes anos. O que há para mencionar, ainda, após uma etapa que finda, mas continua no tempo e no espaço através de tudo aquilo que construiu? O que há para dizer que a própria revista não expresse? Os artigos carregam uma força política única. Os escritos demonstram uma excepcional singularidade temática nutrida pela diversidade transversal de debates e conversas. Os textos, por fim, são marcados por uma binacionalidade que faz desta produção, um manifesto filosófico e pedagógico propositivo, enunciativo e inovador.

A revista *Fermentario* é um periódico que foi inaugurado pelo departamento de História e Filosofia da Educação do Instituto de Educação da Udelar em 2007. No ano de 2010 se transforma numa revista binacional no marco do projeto Capes/Udelar estabelecendo uma parceria com o departamento de História e Filosofia da Educação da

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Durante todos estes anos foi uma publicação bianual coordenada e dirigida por Andrea Diaz (Udelar), Silvio Gallo (Unicamp) e Gláucia Figueiredo (Unicamp). O nome da revista evoca o espírito de inquietação, germinação e busca criativa no campo da Filosofia da Educação desde problemáticas advindas da cultura uruguaia e brasileira. Este entrecruzamento problematológico serviu como base para uma compreensão mais ampla sobre o funcionamento das pesquisas do campo quando levada em conta a complexidade de abordagens que envolviam a América Latina. Neste período a revista também foi impulsionada pelas apresentações textuais pautadas em investigações e estudos de alguns dos membros da ALFE (Associação Latinoamericana de Filosofia da Educação). Cada número abordou um tema monográfico incluindo artigos específicos da temática em voga, bem como, miscelâneos, resenhas de livros, traduções e homenagens.

O artigo «Corpo(i)ética: experimentações corporais como prática produtora de um cuidado de si e de uma educação dos afectos» apresenta um trabalho prático desenvolvido através de experimentações corporais e artísticas com a finalidade de abrir um espaço de produção de um cuidado de si mesmo imediatamente unido a constituição de uma educação dos sentidos e dos afetos. Baseado em um trabalho conceitual através da noção de «Cuidado de si» de Michel Foucault e dos conceitos de corpo e ética em Gilles Deleuze são expostos os fundamentos filosóficos e alguns extratos de uma prática educativa experimental.

O texto «Lugares, formas e ações do dizer-verdadeiro no cuidado de si: o que isto tem a ver com o campo da educação contemporânea?» versa sobre a relação dos lugares, das formas e das ações do dizer-verdadeiro no cuidado de si com o campo da formação humana contemporânea. A hipótese é de que tal exercício faz emergir, de um lado, as formas pelas quais os sujeitos são destinados a se relacionarem com a verdade; de outro lado, indaga pelas possibilidades de se afetar as experiências com as verdades atuais, a partir das experiências com a verdade no campo da educação. Para tanto, investiga-se quatro figuras que, segundo a interpretação de Foucault, representam na história da constituição dos sujeitos, modalidades fundamentais da experiência com o dizer-verdadeiro e a verdade: o profeta, o sábio, o professor e o parrisiasta.

Qual é a exposição do artigo «Entre a hermenêutica do sujeito e filosofia mestiça: proposições para se pensar o esquecimento do cuidado de si e seus reflexos na

educação» – pensa a educação entre cuidado de si e a mestiçagem é um exercício de propor outras posturas e condutas na relação mestre, aluno e conhecimento, num esforço de fazer adentrar no pensamento educacional as reflexões sobre o seu papel na constituição do sujeito em sua relação com a verdade.

Do que trata o escrito «Michel Foucault e a espiritualidade como prática de liberdade»? Da defesa da espiritualidade que pode ser definida como o ato de modificar a si mesmo para ter acesso à verdade, contrapondo-se ao conceito moderno de filosofia, no qual o conhecimento consiste em uma análise da estrutura que assegura o acesso à verdade. Ignorada por boa parte da tradição filosófica, resgatar a espiritualidade consiste em colocar o sujeito como ponto central da filosofia. Não um sujeito possuidor de uma natureza humana e uma essência prévias a sua existência cultural, mas um sujeito constituído no meio de práticas sociais e relações de saber e poder, capazes de dar forma e substância à sua subjetividade. Neste contexto, a temática da liberdade se faz imprescindível, na medida em que este sujeito não precisa ser inerte aos modelos sociais existentes em seu contexto histórico, tendo a possibilidade de inventar e reinventar as formatações históricas de sua existência. Sob esta perspectiva, cabe analisar atentamente três conceitos centrais na filosofia do autor: poder, ética e crítica.

O ensaio intitulado «Educação do gosto como formação moral no Émile de Rousseau» investiga a imbricação entre natureza e educação no livro quarto do Émile. Reflete sobre a concepção rousseauiana de natureza como perspicácia e tirocínio prático do ser humano e analisa como tal concepção se entrelaça com a educação do gosto. Na sequência, trata do modo como Rousseau faz o ideal de simplicidade brotar da educação ancorada no gosto natural, opondo-lhe artificialidade reinante nas relações humanas e sociais da época. Aborda como o modo de viver consigo mesmo e com os outros de uma maneira simples e autêntica constitui a forma espiritual de vida mais adequada para enfrentar a destrutividade do amor próprio inerente à condição humana. Nesse sentido, espiritualidade tem a ver, no contexto de formação moral do jovem Emílio, com a forma simples e autêntica de vida alcançada pela educação do gosto.

O trabalho «Oficinar, inventar e formar: arte como possibilidade de se deslocar» mantém viva questões que afirmam a posição inventiva no campo da formação de professores: Como aprender no meio, na superfície de uma experiência, fora do campo da representação? Como lidar com as imprevisibilidades da formação e da escola

básica? Em que a arte pode contribuir para pensar e fazer uma formação sem representação? Como formar analisando e intervindo nos sentidos usuais da ideia de dar a forma a algo ou alguém? Propõe uma análise que faz atravessar três verbos no infinitivo: *oficinar*, *inventar* e *formar*. Ao ligar verbos insistimos em criar gestos que facultam tornar visíveis forças que não se escondem nas naturalizações. *Oficinar*, *formar* e *inventar* é um mergulho no caos para, nele e com ele, experienciar os compassos e descompassos da invenção de outros modos de fazer. E nisto, a arte é uma intercessora que move e desloca para outras vias de se ‘formar’.

A escrita do texto «Possibilidades em Pesquisa Gorda: Estratégias de (Re)existências na Produção de Saberes Fora do Eixo» faz parte de um exercício de narrativas dissidentes no campo da educação, tensionando e denunciando os preconceitos estruturais com relação aos corpos gordos. A gordofobia é um preconceito de base estrutural. No universo científico brasileiro, as pesquisas são por muitas vezes desvalorizadas nos programas de pós-graduação, nas revistas científicas ou nos grupos de pesquisa. «Pesquisa gorda» é um grupo de estudos transdisciplinares das corporalidades gordas no Brasil, com finalidade de construir saberes sobre corpos gordos, se distanciando e até revisando saberes biomédicos que patologizam e estigmatizam essas corpos. A estratégia é debater no universo acadêmico temas voltados às corporeidades gordas, dentro de uma perspectiva ativista, e propor o reconhecimento de saberes localizados, feministas e de transformação social. São pesquisas dissidentes realizadas por corpos divergentes, que fazem pesquisas decoloniais em que o afeto, emoções e desterritorialização das corpos acontecem. Além de uma análise crítica bibliográfica sobre saberes decoloniais, epistemologias subalternas e estudos do corpo gordo, o artigo narra como esse grupo de pessoas gordas vem se organizando desde 2017, as áreas interdisciplinares de pesquisa, suas ações e construções de novos saberes que militam pela não violência às corporeidades gordas.

O que são as epistemologias dissidentes? As propostas do artigo com o mesmo nome «Epistemologias Dissidentes» referem-se à dinâmica de desconstrução da operatória de ‘pessoalização’ no/do movimento de conhecer e produzir conhecimento. Um artigo sobre epistemologias dissidentes que se configura ele mesmo como expressão de uma epistemologia dissidente. Escrito por uma pessoa que, já logo de início, afirma não ser uma pessoa, mas que fala como um agenciamento coletivo de

enunciação. Epistemologias concebidas como algo inseparável dos corpos que as produzem, portanto, como algo mais complexo que conhecimento intelectual. Dissidentes são os que pensam de outras maneiras e desviam da ideia hegemônica do colonizador europeu de entender o conhecimento como objetivo, neutro, imparcial e universal. As epistemologias dissidentes são parciais, são sempre feitas a partir de uma determinada perspectiva, não são universais, são subjetivas e políticas, são as vozes das minorias que afirmam outros mundos por vir. Os companheiros nessa viagem são Nietzsche e Deleuze e Guattari e Foucault e outras poetisas geniais.

A proposta deste dossiê final foi apresentar o resumo de alguns artigos publicados ao longo destes anos e, que selecionados, propiciaram um reencontro com a importância ético-política e educativo-pedagógica que as temáticas suscitaram. Por esta razão, desejamos que as leituras realizadas disparem novos recomeços, que estas conversas germinadas floresçam e que, neste aparente ‘fim’, apenas transicional, algumas sementes sejam jogadas ao vento e voem na velocidade de um pensamento puro, que elas possam se transformar, enfim, em belas novidades.

Gláucia Figueiredo e Silvio Gallo

Julho de 2025

Prólogo Revista Fermentário (2025)

Estimados lectores:

Qué audacia seguir creyendo que las palabras pueden alcanzar el valor de una experiencia. Escribir sobre una revista que ha contribuido valientemente durante 18 años a un campo del conocimiento fundamental para nuestros días: la *filosofía de la educación*. Qué difícil es decir algo sobre un supuesto «fin», al fin y al cabo, ¿qué hay que decir? Después de todo, lo dicho tartamudea y lo escrito (per)forma. ¿El fin de un ciclo? Este prólogo no trata sobre eso. Se trata de un intento de traducir, a través de la selección de algunos artículos, lo que este proyecto ha representado durante todos estos años. ¿Qué queda por mencionar, después de una etapa que termina, pero que continúa en el tiempo y en el espacio a través de todo lo que ha construido? ¿Qué hay que decir que la propia revista no exprese? Los artículos tienen una fuerza política única. Los escritos demuestran una singularidad temática excepcional, alimentada por la diversidad

transversal de debates y conversaciones. Los textos, por último, están marcados por una binacionalidad que hace de esta producción un manifiesto filosófico y pedagógico propositivo, enunciativo e innovador.

La revista *Fermentario* es una publicación periódica que fue inaugurada por el departamento de Historia y Filosofía de la Educación del Instituto de Educación de la Udelar en 2007. En el año 2010, se transformó en una revista binacional en el marco del proyecto Capes/Udelar, estableciendo una colaboración con el departamento de Historia y Filosofía de la Educación de la Universidad Estatal de Campinas (Unicamp). Durante todos estos años ha sido una publicación semestral coordinada y dirigida por Andrea Díaz (Udelar), Silvio Gallo (Unicamp) y Gláucia Figueiredo (Unicamp). El nombre de la revista evoca el espíritu de inquietud, germinación y búsqueda creativa en el campo de la Filosofía de la Educación a partir de problemáticas surgidas de la cultura uruguaya y brasileña. Este entrecruzamiento problematológico sirvió de base para una comprensión más amplia del funcionamiento de las investigaciones en este campo, teniendo en cuenta la complejidad de los enfoques que involucraban a América Latina. En este período, la revista también se vio impulsada por las presentaciones textuales basadas en investigaciones y estudios de algunos de los miembros de la ALFE (Asociación Latinoamericana de Filosofía de la Educación). Cada número abordaba un tema monográfico que incluía artículos específicos sobre la temática en boga, así como misceláneas, reseñas de libros, traducciones y homenajes.

El artículo «Corpo(i)ética: experimentaciones corporales como práctica productora de un cuidado de sí y de una educación de los afectos» presenta un trabajo práctico desarrollado a través de experimentaciones corporales y artísticas con el fin de abrir un espacio de producción de un cuidado de sí mismo inmediatamente unido a la constitución de una educación de los sentidos y de los afectos. Basándose en un trabajo conceptual a través de la noción de «cuidado de sí mismo» de Michel Foucault y los conceptos de cuerpo y ética de Gilles Deleuze, se exponen los fundamentos filosóficos y algunos extractos de una práctica educativa experimental.

El texto «Lugares, formas y acciones del decir-verdadero en el cuidado de uno mismo: ¿qué tiene esto que ver con el campo de la educación contemporánea?» trata sobre la relación de los lugares, las formas y las acciones del decir-verdadero en el cuidado de uno mismo con el campo de la formación humana contemporánea. La hipótesis es que

tal ejercicio hace emerger, por un lado, las formas en que los sujetos están destinados a relacionarse con la verdad; por otro lado, indaga sobre las posibilidades de afectar las experiencias con las verdades actuales, a partir de las experiencias con la verdad en el campo de la educación. Para ello, se investigan cuatro figuras que, según la interpretación de Foucault, representan en la historia de la constitución de los sujetos, modalidades fundamentales de la experiencia con el decir-verdadero y la verdad: el profeta, el sabio, el profesor y el parresiasta.

¿Cuál es la exposición del artículo «Entre la hermenéutica del sujeto y la filosofía mestiza: propuestas para pensar el olvido del cuidado de sí y sus reflejos en la educación»? Pensar la educación entre el cuidado de sí y el mestizaje es un ejercicio para proponer otras posturas y conductas en la relación maestro, alumno y conocimiento, en un esfuerzo por introducir en el pensamiento educativo las reflexiones sobre su papel en la constitución del sujeto en su relación con la verdad.

¿De qué trata el escrito «Michel Foucault y la espiritualidad como práctica de libertad»? De la defensa de la espiritualidad que puede definirse como el acto de modificarse a uno mismo para acceder a la verdad, en contraposición al concepto moderno de filosofía, en el que el conocimiento consiste en un análisis de la estructura que asegura el acceso a la verdad. Ignorada por gran parte de la tradición filosófica, rescatar la espiritualidad consiste en situar al sujeto como punto central de la filosofía. No un sujeto poseedor de una naturaleza humana y una esencia previas a su existencia cultural, sino un sujeto constituido en medio de prácticas sociales y relaciones de saber y poder, capaces de dar forma y sustancia a su subjetividad. En este contexto, el tema de la libertad se hace imprescindible, en la medida en que este sujeto no tiene por qué ser inerte a los modelos sociales existentes en su contexto histórico, sino que tiene la posibilidad de inventar y reinventar las configuraciones históricas de su existencia. Desde esta perspectiva, conviene analizar atentamente tres conceptos centrales en la filosofía del autor: poder, ética y crítica.

El ensayo titulado «La educación del gusto como formación moral en El Emilio de Rousseau» investiga la imbricación entre naturaleza y educación en el cuarto libro de El Emilio. Reflexiona sobre la concepción rousseauiana de la naturaleza como perspicacia y aprendizaje práctico del ser humano y analiza cómo dicha concepción se entrelaza con la educación del gusto. A continuación, trata de cómo Rousseau hace

brotar el ideal de simplicidad de una educación anclada en el gusto natural, oponiéndole la artificialidad reinante en las relaciones humanas y sociales de la época. Aborda cómo la forma de vivir consigo mismo y con los demás de una manera sencilla y auténtica constituye la forma espiritual de vida más adecuada para hacer frente a la destructividad del amor propio inherente a la condición humana. En este sentido, la espiritualidad tiene que ver, en el contexto de la formación moral del joven Emilio, con la forma simple y auténtica de vida alcanzada por la educación del gusto.

El trabajo «Oficinar, inventar y formar: el arte como posibilidad de desplazarse» mantiene vivas las cuestiones que afirman la posición inventiva en el campo de la formación de profesores: ¿Cómo aprender en el medio, en la superficie de una experiencia, fuera del campo de la representación? ¿Cómo lidiar con las imprevisibilidades de la formación y la escuela básica? ¿En qué puede contribuir el arte a pensar y hacer una formación sin representación? ¿Cómo formar analizando e interviniendo en los sentidos habituales de la idea de dar forma a algo o a alguien? Propone un análisis que atraviesa tres verbos en infinitivo: *oficinar*, *inventar* y *formar*. Al conectar verbos, insistimos en crear gestos que permiten visibilizar fuerzas que no se ocultan en las naturalizaciones. *Oficinar*, *formar* e *inventar* es una inmersión en el caos para, en él y con él, experimentar los compases y descompases de la invención de otras formas de hacer. Y en esto, el arte es un intercesor que mueve y desplaza hacia otras vías de «formarse».

La redacción del texto «Posibilidades en la investigación gorda: estrategias de (re)existencias en la producción de conocimientos fuera del eje» forma parte de un ejercicio de narrativas disidentes en el campo de la educación, que tensiona y denuncia los prejuicios estructurales hacia los cuerpos gordos. La gordofobia es un prejuicio de base estructural. En el universo científico brasileño, las investigaciones son a menudo desvalorizadas en los programas de posgrado, en las revistas científicas o en los grupos de investigación. «Pesquisa gorda» es un grupo de estudios transdisciplinarios sobre las corporalidades gordas en Brasil, con el objetivo de construir conocimientos sobre los cuerpos gordos, distanciándose e incluso revisando los conocimientos biomédicos que patologizan y estigmatizan estos cuerpos. La estrategia consiste en debatir en el mundo académico temas relacionados con las corporalidades gordas, desde una perspectiva activista, y proponer el reconocimiento de conocimientos localizados, feministas y de

transformación social. Se trata de investigaciones disidentes realizadas por cuerpos divergentes, que llevan a cabo investigaciones decoloniales en las que tienen lugar el afecto, las emociones y la desterritorialización de los cuerpos. Además de un análisis crítico bibliográfico sobre los conocimientos decoloniales, las epistemologías subalternas y los estudios sobre el cuerpo gordo, el artículo narra cómo este grupo de personas gordas se ha ido organizando desde 2017, las áreas interdisciplinarias de investigación, sus acciones y la construcción de nuevos conocimientos que militan por la no violencia hacia las corporalidades gordas.

¿Qué son las epistemologías disidentes? Las propuestas del artículo con el mismo nombre, «[Epistemologías Dissidentes](#)», se refieren a la dinámica de deconstrucción de la operatividad de la «[personalización](#)» en/del movimiento de conocer y producir conocimiento. Un artículo sobre epistemologías disidentes que se configura a sí mismo como expresión de una epistemología disidente. Escrito por una persona que, desde el principio, afirma no ser una persona, sino que habla como una agencia colectiva de enunciación. Epistemologías concebidas como algo inseparable de los cuerpos que las producen, por lo tanto, como algo más complejo que el conocimiento intelectual. Los disidentes son aquellos que piensan de otra manera y se desvían de la idea hegemónica del colonizador europeo de entender el conocimiento como objetivo, neutral, imparcial y universal. Las epistemologías disidentes son parciales, siempre se construyen desde una perspectiva determinada, no son universales, son subjetivas y políticas, son las voces de las minorías que afirman otros mundos por venir. Los compañeros en este viaje son Nietzsche, Deleuze, Guattari, Foucault y otros poetas geniales.

La propuesta de este dossier final ha sido presentar un resumen de algunos artículos publicados a lo largo de estos años y que, una vez seleccionados, han propiciado un reencuentro con la importancia ético-política y educativo-pedagógica que suscitan estos temas. Por esta razón, deseamos que las lecturas realizadas den lugar a nuevos comienzos, que estas conversaciones germinadas florezcan y que, en este aparente «final», que es solo transitorio, algunas semillas sean lanzadas al viento y vuelen a la velocidad de un pensamiento puro, para que puedan transformarse, finalmente, en hermosas novedades.

Gláucia Figueiredo y Silvio Gallo

Julio de 2025